

UMA BARATA CHAMADA MACABÉA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Hilda Gomes Dutra Magalhães *¹⁰

RESUMO:

Objetivamos neste artigo analisar as condições existenciais de Macabéa, personagem de **A hora da estrela, de** Clarice Lispector, demonstrando que o seu apagamento existencial está intimamente atrelado a sua incapacidade para assumir a condição de mulher. À medida, entretanto, que a narrativa avança, a personagem começa a ter consciência de si e de sua condição feminina, meios pelos quais alcança a consciência existencial em sua plenitude.

PALAVRAS-CHAVE: Existencialismo; Absurdo; Gênero; Análise literária.

ABSTRACT:

Our objective in this article analyze the existential conditions of Macabéa character from **The Hour of the Star**, Clarice Lispector, demonstrating that erasure existential is closely tied to its inability to assume the status of women. As, however, that the narrative progresses, the character begins to become aware of themselves and their female condition, the means by which consciousness achieves its fullest existential.

KEYWORDS: Existentialism; Absurd, Gender, literary analysis.

¹⁰ Professora do Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT/Campus de Araguaína.

INTRODUÇÃO

Para Antônio Cândido (1977, p. 129), a obra de Clarice Lispector se inscreve na vertente introspectiva da Literatura Brasileira, sendo caracterizada também pela renovação da linguagem. Para Bosi (1972), Lispector inova ao apresentar reflexões que transpõem o individual e alcançam a esfera do “suprapessoal”, saltando do psicológico para o metafísico. Para Nunes (1966), uma das marcas da obra de Lispector se caracteriza pela evidente ligação entre filosofia e linguagem, esta a trabalho daquela, num amplo e contínuo processo de especulação da existência humana.

De fato, a especulação da existência sempre foi o ponto de partida do projeto de ser vivido pelos personagens de Clarice Lispector. E, considerando que “o existencialismo é a interrogação constante do universo do homem no caos da existência, no risco insuperável de existir” (FERNANDES, 1986, p. 4), temos na maioria dos romances lispectorianos a plenitude do ser vivendo a angústia da busca da verdade sobre si mesmo.

Parecendo fugir a esta regra, porém, encontramos em **A hora da estrela** uma Macabéa que intriga pela sua inércia e que configura não o ser agindo e existindo, mas o projeto do ser em latência.

Este estudo tem como proposta analisar as condições existenciais da personagem principal de **A hora da estrela**¹¹, de Clarice Lispector (1993), nos planos social e metafísico. Assim, na primeira parte, analisaremos a situação desumana vivida por Macabéa tanto no plano social quanto metafísico, quando teremos a oportunidade de observar como o apagamento existencial de Macabéa é indiciada também por um acentuado apagamento do ser mulher.

Na segunda parte, analisaremos a ascensão de Macabéa à plenitude humana, quando, ao perceber a finitude do ser e ter consciência das limitações humanas, deixa a sua condição vegetativa e passa a vivenciar e a representar a angústia da existência, momento que coincide também com a afirmação de sua condição feminina.

¹¹ As citações dessa obra serão indicadas pelas iniciais HE, seguida da paginação.

A hora da barata

Para Camus, as condições sociais ditadas pelo sistema capitalista supervalorizam o lucro em detrimento do ser. Aspectos culturais são trabalhados em função da ideologia do grupo dominante com o intuito de reduzir o homem a condições sub-humanas de existência, em que o ser-pessoa se encontra fragmentado e desvinculado do seu eu. Desta forma, o indivíduo, destituído da perspectiva da evolução de si próprio e do contexto ao qual pertence, vive, desde o momento em que nasce, o projeto do seu não-ser e, como tal, não pode dirigir o seu destino, reduzindo-se à condição de objeto.

Vivendo segundo as leis do conformismo, o homem subjugado pelo sistema torna-se alienado de si e do mundo, inserindo-se numa situação em que “a crença no absurdo substitui a qualidade pela quantidade: viver não tão bem quanto possível, mas tanto quanto possível.” (CAMUS, 19, p. 226). Assim, o homem reificado está preso apenas a uma sucessão de dias sem sentido e que nada acrescenta à experiência humana, a não ser a extensão cada vez maior do vazio.

Este vazio define-se pela não percepção de si mesmo no tempo-espaço em que vive, caracterizado por um alto nível de alheamento, podendo, entretanto, ocorrer também mediante a aguda consciência das condições humanas, marcadas pela transitoriedade, pela relatividade, pela imprevisibilidade do futuro e pela inexistência de uma finalidade no próprio existir ou para além dele. (FERNANDES, 1986).

Em ambos os casos, o ser representa ou vivencia a dor existencial, caracterizada pela consciência do nada. É dentro desses parâmetros que vamos encontrar, no texto em análise, uma Macabéa que transita entre os extremos da total alienação e a aguda consciência de si. Nas primeiras páginas do livro, temos uma personagem totalmente desumanizada pelos condicionamentos sócio-econômico-culturais, vivendo o projeto do seu não ser como indivíduo e como coletividade.

Já na caracterização do perfil da personagem, na delimitação de sua existência social, Macabéa representa uma grande maioria de pessoas que é fruto do conformismo, da pobreza, do subemprego e do anonimato: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiam como não existiriam”. (HE, p. 28)

Habitando um mundo feito contra ela, Macabéa é, em todos os sentidos, um personagem desprovido da consciência de si mesmo. Não tem nenhuma visão do seu papel no mundo, vivendo, sem saber, uma situação vegetativa nos planos social e metafísico. No mundo em que habita, configura apenas uma força de produção. Fascinada pela máquina, ofuscada no e pelo mundo capitalista, sobrevive nos escombros de uma sociedade opulenta e madrastra, personificação da tia que a criou: "... a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio" (HE, p. 43). Assim, a tia representa não apenas a ditadura do mundo capitalista, como também a figura do chefe, da cidade grande e da escravidão a que é reduzida Macabéa.

Desprovida das condições básicas de sobrevivência nos planos sentimentais e materiais, vivendo no cais, entre ratos e baratas, as preocupações de Macabéa não chegam a atingir as esferas filosófico-metafísicas da existência humana porque ela própria não ascende ao humano. Nestes termos, inexistente nos planos social e metafísico, permanecendo marginalizada de si e do mundo. Citando as palavras do narrador, "Essa moça não sabia que ela era assim como um cachorro não sabe que é cachorro" (HE, p. 42) e "como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma" (HE, p. 32), sem rumo no Rio de Janeiro, numa cidade que não era feita para ela.

Macabéa, na condição existencial precária em que vive, é a antagonista de si própria: "Nunca pensara em 'eu sou'. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal". (HE, p. 52). Mesmo assim, ao expirar e inspirar, é ainda uma promessa de vida, um ser em latência: "Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade _ para que mais que isso? O seu viver é ralo". (HE, p. 38)

O limbo impessoal em que vive inclui também a sua insignificância enquanto mulher, instaurando-se na narrativa uma forte ligação entre consciência existencial e gênero. Como construção social, o gênero, nos explica Scott (1990, p. 16), "é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder (...) um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado", e isso é bastante visível em A hora da estrela. Citando Camargo e Araújo (2006, p. 125), "A referência à existência

parece depender da sua capacidade de, como mulher, se ligar a alguém, como ocorre na relação com Olímpico, que lhe dá alguma existência”. Isso ocorre porque, remetendo-nos às palavras de Azevedo (2008, p. 6), a protagonista concretiza “o projeto identitário silenciosamente gestado no útero da cultura”. Neste sentido, e novamente recorrendo às palavras de Camargo e Araújo (2006, p. 126),

Vista como projeção do homem, a mulher é narrada como sua extensão, o que lembra Eva saída da costela de Adão. Lispector retira Macabéa do imaginário de Rodrigo, como se a mulher fosse, afinal, produto e construção do pensamento masculino.

O drama da narrativa consiste em que faltam a essa Eva lispectoriana os atributos para a sedução, o que inviabiliza a sua plenitude enquanto mulher e enquanto ser. Tal ausência é reiterada de várias formas na obra. Assim, numa das várias citações em que o narrador destaca a ausência de atributos físicos femininos na personagem, lemos:

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. (HE, p. 27-28)

A ausência de corpo anuncia a ausência de vitalidade, de condições de perpetuação da espécie. A este respeito, citando Medeiros (2008, p. 02),

O próprio fato de possuir ovários “murchos” já é indício de sua falta, impedida de continuar na cadeia da perpetuação. Não por menos, Olímpico, comparando-a com Glória, em sua física promessa de fertilidade, sentencia; “Pelos quadris, adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe parecia ter em si mesma o seu próprio fim”.

Essa inaptidão física de Macabéa para o ser mulher impossibilita-lhe existir numa sociedade erotizada. Mas não apenas na sua constituição corpórea Macabéa nega o ser mulher. Faltam-lhe também as marcas do gênero na alma. O próprio narrador, ao se

referir à personagem, afirma que “até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação.” (HE, p. 43). Em outra passagem, Rodrigo relata faltar-lhe “o encanto, a feminilidade, ou seja, o ser mulher: Vou agora começar pelo meio dizendo que _ que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar.” (HE, p. 39)

Na mesma direção do narrador, Madama Carlota também percebe essa fragilidade em Macabéa e, além de lhe aconselhar o amor homossexual, ressalta a falta de vaidade que a torna uma enfeitada de si mesma:

O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe conselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino. Você tem chance de ter uma mulher?

_ Não senhora..

_ É que também você nem se enfeita. Quem não se enfeita, por si mesma se enjeita. (HE, p. 93)

A inabilidade para o feminino, em Macabéa, se evidencia na ausência de jeito para o enfeite e para a vida, na medida em que lhe faltavam as habilidades para recriar a si mesma enquanto corpo feminino e sedutor. Conforme as palavras de Rodrigo, Macabéa “Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto.” (HE, p. 42). Além disso, assoava o nariz na barra da roupa, pouco se lavava e tinha um cheiro “murrinhento”. Na verdade, “Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.” (HE, p. 42)

Nas poucas vezes em que tentou se enfeitar, não conseguiu êxito, como podemos ler nos trechos abaixo:

E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas das mãos. Mas como as roía quase até o sabugo, o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o sujo preto por baixo. (HE, p. 51)

A festa consistiu em comprar sem necessidade um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vivante. No banheiro da

firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. Depois de pontada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada. Pois em vez de batom parecia que grosso sangue lhe tivesse brotado dos lábios por um soco em plena boca, com quebradentes e rasga-carne (pequena explosão). (HE, p. 79)

No mais, a vaidade não era sua preocupação maior. Guiava-a uma necessidade cega do corpo, longe ainda de alcançar as necessidades da consciência ou o luxo da vaidade:

Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar os olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo. É que lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada. Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária. (HE, p. 54)

Infantilizada de corpo e de alma, ancestral na sua composição original e informe, Macabéa não passa de “fina matéria orgânica” (HE, p. 55), “pequena flama indispensável: um sopro de vida” (HE, p. 55). A esse quase inexistente sopro de vida, impõem-se dois contrapontos: Olímpico, senhor de si e de seu futuro e diante do qual Macabéa revela-se absolutamente incapaz de ter um diálogo decente, e Glória, tão mais capaz de existir do que ela: por este motivo, permaneceria no emprego, ao passo que Macabéa seria despedida, já que “errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel.” (HE, p. 39). Glória também sabia ser mais mulher do que ela, tanto que acaba por tomar-lhe o namorado:

Glória era toda contente consigo mesma: dava-se grande valor. Sabia que tinha o sestro molengole de mulata, uma pintinha marcada junto da boca, só para dar uma gostosura, e um buço forte que ela oxigenava. Sua boca era loura. Parecia até um bigode (...) Glória tinha um traseiro alegre e fumava cigarro mentolado para manter um hálito bom nos seus

beijos intermináveis com Olímpico. Ela era muito satisfatona: tinha tudo o que seu pouco anseio lhe dava. E havia nela um desafio que se resumia em “ninguém manda em mim.” (HE, p. 82)

Glória, projeto corpóreo bem acabado, esbanjava capacidade para se enfeitar e para existir (“era muito satisfatona”), o que, no contexto da narrativa, significava exercer a sua feminilidade. Como afirma Aragão (2009, p. 94),

A jovem aqui é dotada dos atributos que faltam à Macabéa, ela tem corpo e discurso. A colega de trabalho de Macabéa possui formosura e exuberância com seu cabelo loiro oxigenado, era bem nutrida (filha de açougueiro), além do nome imperioso, tinha comida farta em casa. Era assediada e colecionava namorados (ainda que homens casados que só buscavam aventuras passageiras). Tinha lábia para justificar suas faltas no trabalho sem causar desconfiança. E como corpo e discurso são valores positivos para a sociedade, Glória encontrava seu lugar ao sol e no coração dos homens (inclusive no de Olímpico, namorado de Macabéa), enquanto Macabéa nem sequer era notada. Glória tinha tudo o que faltava à Macabéa: corpo e comportamentos sedutores, família estruturada e desenvoltura profissional. (ARAGÃO, 2009, p. 94).

Se, para Glória, a feminilidade contribuía para a afirmação de sua existência, levando-a à plenitude enquanto ser humano, na proporção inversa, a falta dela acentua o apagamento existencial de Macabéa. Como afirma Olímpico, ao terminar o namoro com a personagem, “_Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer.” (HE, p.78)

Entretanto, parece que nem tudo está perdido, pois a possibilidade de futuro, mesmo que não adivinhado por Macabéa, sempre existe, na medida em que perdura, mesmo que rala e inconsciente, a chama da vida. Essa possibilidade de futuro se mostra, por exemplo, no desejo que a personagem sente de ser pedida em noivado por Olímpico:

Enquanto isso o namoro com Macabéa entrara em rotina morna, se é que alguma vez haviam experimentado o quente. Muitas vezes ele não aparecia no ponto do ônibus. Mas pelo menos era um namorado. E Macabéa só pensava no dia em que ele quisesse ficar noivo. E casar. (HE, p. 77)

A possibilidade de afirmação se insinua, do mesmo modo, no anseio de ter a gordura de Glória (que para ela estava ligada à formosura), no desejo que a personagem tem de se parecer com Marilyn Monroe (HE, p. 82), nos sonhos eróticos que eventualmente tinha à noite (“sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada”, HE, 50) e, sobretudo, no sexo, que, conforme o narrador, “era a única marca veemente de sua existência.” (HE, p. 88)

A possibilidade de transformação de Macabéa parece tão mais plausível quanto mais nos damos conta de sua sensualidade:

Macabéa, esqueci de dizer, tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3X4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar. (HE, p. 78)

Considerando que, no contexto da narrativa, a existência está intimamente ligada ao gênero, podemos sustentar que existe de fato uma latência existencial em Macabéa. Entretanto, trata-se de uma energia cega e que não encontra linguagem para se expressar, sendo desconhecida pela própria personagem, totalmente alheia de si:

Ela sabia o que era o desejo – embora não soubesse que sabia. Era assim: Ficava faminta mas não era de comida, era um gosto meio doloridos que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar. (HE, p. 61)

O alheamento de si e a incapacidade para se adequar na sociedade em que vive mostram uma personagem invisível nos planos social e metafísico. Fruto da fome e do nordeste, Macabéa é o grito mudo de denúncia social gritando toda uma subvida em que vegetam nordestinas de todo mundo.

O dente que dói na boca nossa

Conforme Fernandes (1986), o ser que não percebe sua própria existência só não é totalmente desapercibido no mundo, porque sua dor passa a existir no outro. Assim, o viver vegetativo de Macabéa dói no narrador, no médico, em Olímpico e em Madama Carlota. Em outras palavras, o projeto do seu não-ser é parte do ser do gênero humano e por isso dói na existência do semelhante. Macabéa representa, portanto, o grito da parte muda que, como a barata, só pode gritar pela dor que suscita no outro.

Macabéa, na verdade, não experimenta nem felicidade e nem infelicidade porque está em contínuo estado de letargia. O que experimenta em relação a si própria não passa de uma grande inocência. Ilhada nela mesma, a sua vida consiste em trabalhar à exaustão e depois dormir, sem ter consciência do vazio que é para si e para os outros. Neste sentido, felicidade, infelicidade ou quaisquer outros sentimentos que possa ter são apenas sombras diluídas que não chegam realmente a atingir os parâmetros do humano.

Observemos que a personagem não domina a linguagem (a narrativa é, em sua grande maioria, feita na terceira pessoa) justamente porque não percebe a real dimensão de sua existência e por isso não pode se individualizar. Não se vê parte do mundo porque também não o percebe. Alheia à vida, a personagem parece ser pouco mais do que um inseto ou um verme e daí a nossa analogia ao aproximá-la da repelente figura da barata de *A paixão segundo G.H.*, uma das obras de maior alcance filosófico de Clarice Lispector.

A sua angústia não pode existir senão fora de si, ou seja, fazendo-se dor no outro. Neste sentido, Macabéa é o dente que existe para doer nos outros: na indignação do médico, no espanto da cartomante Carlota, na impaciência de Olímpico e no desespero que causa no narrador: “Ela me incomoda quanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama.” (HE, p. 41)

Incapaz de sustentar a própria dor, Macabéa passa a doer nos seus semelhantes, na medida em que representa o nada que perpassa a existência humana. Assim é que podemos entender as palavras de Rodrigo ao afirmar que “A dor de dentes que perpassa esta história deu uma físgada funda em plena boca nossa. Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente _é a minha própria dor, eu que carrego o

mundo e há falta de felicidade.” (HE, p. 25) A esta constatação, acrescenta o narrador: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida”. (HE, p. 49)

Neste sentido, Macabéa, durante a maior parte da narrativa, representa, como a barata que causa náusea na obra de Clarice Lispector, uma angústia extremada, resultante da consciência das frágeis condições do humano (NUNES, 1966). É assim que Macabéa, incapaz de saber a sua existência de barata, existe na dor do outro, em especial na dor do narrador. Este, ao assumi-la, assume também a parte do não ser do homem, “uma melodia sincopada e estridente”, que, ao fim e ao cabo, é a sua própria dor. Com Macabéa, ele morre e renasce. Só desta forma, inocentemente e pelo sentir do outro, é que a personagem, assim como a barata de *A paixão segundo G.H.*, pode manifestar-se em essência. Entretanto, a partir do momento em que visita a cartomante, essa realidade, como veremos, começa a se modificar, e a protagonista então liberta a si mesma e ao narrador.

A hora da estrela ou a redenção da barata

Clarice Lispector sempre foi magnânima para com seus personagens, o que caracteriza, em suma, a linha esperançosa de seu existencialismo. Caminhando para a frente ou para trás, os seus protagonistas são sempre levados à descoberta de si como seres humanos. Assim, a despeito de parecer tão diferente de G. H., Joana, Lóri e Martins, também Macabéa atinge a maturidade, a sua essência, o ser-estrela, “a grandeza de cada um”. (HE, p. 105)

Essa maturidade não provém, entretanto, de um longo aprendizado. Ao contrário, a essência se lhe mostra num relance e de forma explosiva, no momento supremo da morte, “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.” (HE, p. 44)

Nas páginas iniciais do livro, o narrador, ao declarar a falta de vocação de Macabéa para o ser mulher, acrescenta que “A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol” (HE, p. 43). De fato, a partir do momento em que

se encontra com a cartomante, minutos antes do acidente que acarretará a sua morte, há uma sintomática transformação no comportamento de Macabéa, quando tem, a partir daí, perspectivas do passado e do tamanho vazio que ele representa. A tomada de consciência de si começa, portanto, pela consciência de seu apagamento, de sua até então desconhecida infelicidade:

Macabéa separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida e esta se afunilara toda para desembocar na grande dama cujo ruge brilhante dava-lhe à pele uma lisura de matéria plástica. A madama de repente arregalou os olhos.

_Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!

Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim. (...) até agora sempre julgara que o que a tia lhe fizera era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina.” (HE, p. 94)

É Madama Carlota que a encaminhará, como ex-meretriz e mulher vivida, para o seu destino de mulher. Mais do que o narrador, Madama Carlota é responsável pelo nascimento da nova Macabéa, como lemos abaixo:

E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?

_Não senhora _ disse Macabéa já desanimando.

_Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar! (HE, p. 95-96)

Você não tem busto, mas vai engordar e vai ganhar corpo. Enquanto você não engordar, ponha dentro do sutiã chumaços de algodão para fingir que tem. (HE, p. 96)

Desde o momento em que se percebe dentro do tempo e tem um passado, acende nela a perspectiva de futuro, quando é capaz de ter uma primeira visão sobre si mesma (visão contemplativa) e passa a empreender o sonho que já é, por si só, uma ida prévia ao porvir:

Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.

Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus _ enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão). (HE, p. 95)

A possibilidade que se abre à sua volta de ser amada, de se casar, de ser rica e importante faz com que Macabéa acredite neste futuro e queira lutar por ele, numa inédita tentativa de tomar as rédeas de seu próprio destino. Num rompante, nasce com a esperança a feminilidade até então ausente:

Sobretudo estava conhecendo pela primeira vez o que os outros chamavam de paixão: estava apaixonada por Hans.

_E que é que eu faço para ter mais cabelo? _ousou perguntar porque já se sentia outra. (HE, p. 97)

Às explosões, Macabéa tomava consciência de si, do passado e do porvir:

Esquecera Olímpico e só pensava no gringo: era sorte demais pegar homem de olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos, não havia como errar, era vasto o campo das possibilidades. (...)

Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no rosto da madama. E sentiu de novo que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. (HE, p. 97)

Já não temos mais uma Macabéa inócua, mas um ser querendo, sonhando, quase exigindo. Sabe que agora é preciso lutar; sabe que agora é necessário construir a própria história. Já é um pouco Lóri, um pouco Joana, um pouco Martins, um pouco G. H., pois dentro do seu inocente desejo se inicia o seu destino de ser-estrela, de angústia-estrela:

Saiu da casa da cartomante aos troços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo _ crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras _ desde Moisés se sabe que a palavra é divina Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela, mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. (HE, p. 98)

Macabéa é agora uma personagem apta a fazer uso dos atributos do ser dos quais tem consciência. Mesmo aturdida, vislumbra já alguma luz, o que significa estar a um passo da lucidez definitiva. Torna-se então capaz de ascender ao nível seguinte, alcançando a mais profunda consciência da própria essência.

Estrela de mil pontas

Ao ser atropelada pelo carro de luxo, ainda atordoada por tantas emoções, o fluxo de transformação continua. Assim, mesmo ferida, ela reconhece que nasce uma nova Macabéa: “Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções, e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” (HE, p. 99)

O capim verde, mesmo que ralo, representa a esperança, representa o futuro, a pujança da vida que exige a plenitude. E quando percebe a impossibilidade do futuro, interrompido pelo acidente, e estando diante da proximidade da morte, a protagonista compreende a sua ínfima condição no mundo e, ante a sua impotência diante dos fatos, experimenta, nauseada e em essência, a angústia comum a todos os seres humanos:

Aí Macabéa disse uma frase que nenhum dos transeuntes entendeu. Disse bem pronunciado e claro:

_ Quanto ao futuro.

Terá tido ela saudade do futuro? Ouço a música antiga de palavras e palavras, sim, é assim. Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas. (HE, p. 104)

É no instante da náusea, plena lucidez, que Macabéa apreende toda a realidade metafísica do seu ser, experimentando ao mesmo tempo os abismos do sentimento do absurdo, mas também atingindo todas as potencialidades do ser mulher. A personagem, ao vivenciar a náusea, deixa de ser a barata para se igualar à própria G. H. É agora estrela de mil pontas, brilhante estrela de cinema:

O que estou vendo agora e que me assusta? Vejo que ela vomitou um pouco de sangue, vasto espasmo, enfim o âmago tocando no âmago: vitória!

E então _ então o súbito grito estertorado de uma gaivota, de repente, a águia voraz erguendo para os altos ares a ovelha tenra, o macio gato estraçalhando um rato sujo e qualquer, a vida come a vida. (HE, p. 104)

Se, antes, Macabéa vivia, sem perceber, uma situação vegetativa, experimenta agora o sentimento do absurdo, que é, segundo Camus, “a razão lúcida que constata os seus limites” (CAMUS, 19-?, p. 64), ou seja, a razão que percebe a impotência humana ante suas limitações. A barata torna-se estrela e assume o próprio brilho (dor), gritando, sofrendo, por si mesma. Desta forma, liberta o narrador, que, à maneira de Brás Cubas, ao se referir a Eugênia, coxa de nascença, descalça as suas botas apertadas (ASSIS, 1999). Do mesmo modo, como se o narrador tivesse se livrado de um dente doente, afirma:

Mas que não se lamentem os mortos: eles sabem o que fazem. Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão. Sou ++inocente! Não me consumam! Não sou vendável! Ai de mim todo na perdição e é como se a grande culpa fosse minha. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois que me untem com óleos santos de tanto perfume. Ah, que vontade de alegria. (HE, p. 104-105).

Com a morte, Macabéa deixa de ser um peso na consciência do narrador, mas não morre sem as luzes da humanidade. Apesar da exiguidade do tempo, ela conclui o seu roteiro na longa caminhada do ser. Na hora da morte, desespera-se diante da sua impotência: não terá o futuro desejado, não se casará, não será amada e não será rica. Angustiado-se, torna-se humana em toda a plenitude, reiterando a filosofia de Shopenhauer (s.d), para quem “só a dor é positiva” porque sublima e edifica o homem.

A dor que, na obra, perpassa toda a narrativa, é “acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta” e “por um violino plangente tocado por um homem magro bem na esquina” (HE, 39). Através da dor, a protagonista nasce em estrela para a plenitude do ser e, pela morte, retorna aos mistérios do nada de onde proveio, mas não sem antes haver concluído a travessia, que, na visão do narrador, é comum a todas as mulheres:

Se iria morrer, na morte passava de virgem a mulher. Não, não era morte, pois não a quero para a moça: só um atropelamento que não significava sequer desastre. Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuira, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher. Intuira o instante quase dolorido e esfuziante do desmaio do amor. Sim, doloroso reflorescimento tão difícil que ela empregava nele o corpo e a outra coisa que vós chamais de alma e que eu chamo _ o quê? (HE, p. 104)

E assim é que a consciência de sua condição feminina, aliada à consciência da impossibilidade de realização do seu amor (mas mesmo assim vivendo-o), torna-a enfim humana:

Morta, os sinos badalavam, mas sem que seus bronzes lhes dessem sons. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam.
A grandeza de cada um. (HE, p. 105)

Considerações finais

Durante o percurso de nossas especulações, foi possível constatar a íntima

ligação entre existência e feminilidade em *A hora da estrela*. O projeto existencial de Macabéa é sincopado por um narrador masculino e machista (CAMARGO; ARAUJO, 2006, p. 118), que representa o olhar de uma sociedade arcaica sobre a mulher. Assim, ao afirmar no final do livro que Macabéa tivera consciência de que “O destino de uma mulher é ser mulher”, fecha qualquer possibilidade de realização da mulher fora do projeto construído para a mulher na sociedade machista.

Neste sentido, a visão que Clarice Lispector mostra em relação aos gêneros é limitada, porque fundada num determinismo em que Glórias e Macabéas são todas dominadas num cenário em que o homem parece determinar as rédeas do jogo e em que a mulher só se impõe por meio de sua capacidade de sedução. Em nenhum momento o livro relativiza a discussão sobre até que ponto as relações entre sexo e gênero se afirmam e muito menos a possibilidade de haver outras vias de realização da mulher fora da esfera da sexualidade.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gleyda Lúcia Cordeiro Costa. *Do livro à tela: identidade e representação em A hora da estrela*, de Clarice Lispector. 2009. 148f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Sol, 1999.

AZEVEDO, Luciano Taveira de. Uma análise das relações de gênero na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. *Revista Letra Magna*. Ano 4, n. 8, p. 2-11, 1º. Sem 2008. Disponível em: <http://www.letramagna.com/horadaestrela.pdf>. Acesso em: 19 jun 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMARGO, Flávio Pereira; ARAÚJO, Márcia M de Melo. Metalinguagem e olhar feminino: duas vertentes no processo de (re)criação de *A hora da estrela*. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*. Catalão, v. 8-9, p. 101-128, 2006. Disponível em: . Acesso em: 21 jun 2012.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Trad. Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Livros do Brasil, 19-?.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*, São Paulo: Duas Cidades, 1977.

FERNANDES, José. *O existencialismo na ficção brasileira*. Goiânia: UFG, 1986.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 22. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MEDEIROS, Lígia Regina Calado de. Macabéa: um corpo como metáfora de uma existência que dói em Clarice Lispector. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis.

Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008, p. 02-07. Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/8. Acesso em 12 jun 2012.

NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1966.

SCOTT, Joan. W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, ed. Especial, 1990.

SHOPENHAUER, Arthur. *Dores do mundo*. Tradução revista por José Souza de Oliveira. 3a. Ed. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S. A., 1959.

